A psicologia das massas e o padrão da propaganda fascista

Um dos equívocos mais persistentes na análise do fascismo é tratá-lo como fenômeno puramente ideológico ou como simples produto de ignorância política. Desde cedo, Theodor W. Adorno, dialogando criticamente com Sigmund Freud, demonstrou que a propaganda fascista opera menos no plano da argumentação racional e muito mais no campo da manipulação psicológica das massas. Não se trata de convencer, mas de excitar e mobilizar afetos regressivos.

A propaganda fascista, como observou Adorno, raramente se dedica a questões políticas concretas ou a programas objetivos. Com exceção de propostas abertamente violentas e negativas — como o confinamento, a deportação ou a eliminação simbólica do inimigo —, seu núcleo é ad hominem. O alvo não é a razão, mas o sujeito. A agitação é calculada psicologicamente, não argumentada politicamente. O agitador não busca formar cidadãos, mas produzir turbas. O termo "incitador da turba", embora carregue um desprezo implícito pelas massas, descreve com precisão a função do agitador fascista. Seu objetivo é criar deliberadamente uma atmosfera de agressividade emocional irracional, dissolvendo a individualidade crítica e estimulando uma disposição permanente à ação violenta sem finalidade política clara. A política, nesse contexto, não é meio de transformação social, mas pretexto para a descarga de pulsões.

Esse mecanismo não é novo. Desde Gustave Le Bon, a psicologia das massas já identificava certos traços recorrentes: desindividualização, irracionalidade, sugestionabilidade, regressão e propensão à violência. Freud, porém, vai além da descrição e busca compreender o que transforma indivíduos em massa. A resposta freudiana, retomada criticamente por Adorno, é decisiva: o vínculo que integra os indivíduos na massa é de natureza libidinal. Na massa, o sujeito experimenta uma suspensão das repressões que normalmente regulam seus impulsos inconscientes. A entrega ao grupo é vivida como prazer, como alívio das frustrações acumuladas na vida social atomizada. A perda dos limites da individualidade não é percebida como empobrecimento, mas como libertação. O indivíduo enfraquecido encontra na massa uma compensação narcísica.

Freud observa que, em grupos organizados como o exército ou a Igreja, esse vínculo libidinal é mediado por imagens sublimadas de amor: o amor a Deus, à pátria, à instituição. No fascismo, no entanto, ocorre algo distinto e revelador. A referência

explícita ao amor é quase totalmente suprimida. O fascismo não se estrutura em torno de um amor compartilhado, mas de uma obediência agressiva. Adorno nota que Hitler abandona a figura do pai amoroso e assume o papel da autoridade ameaçadora. O amor é deslocado para abstrações vazias — a nação, a raça, o destino histórico — e quase sempre acompanhado de qualificações como "fanático". Mesmo o amor, quando mencionado, aparece tingido de hostilidade contra aqueles que não pertencem ao grupo. O princípio organizador da massa fascista não é o amor desinibido, mas a repressão do amor transformada em submissão.

A liderança fascista depende de manter a energia libidinal em nível inconsciente. Essa energia é desviada, moldada e canalizada para fins políticos autoritários. Quanto mais a propaganda se afasta de qualquer conteúdo objetivo — como a promessa de salvação religiosa ou transformação social real —, mais ela precisa recorrer à manipulação afetiva pura. É por isso que a propaganda fascista é profundamente personalista. Ela gira obsessivamente em torno do líder. Não importa se esse líder exerce poder real ou se é mero representante de interesses de classe: sua função é psicológica. Ele reencarna a imagem do pai primitivo onipotente, ameaçador e incontestável. Essa figura permite a constituição de um "eu do grupo", no qual os indivíduos se fundem e se anulam. Freud fornece a chave decisiva para compreender esse processo. O sujeito ama o líder porque projeta nele o ideal do próprio eu. Ao fazer do líder seu ideal, o indivíduo ama a si mesmo de forma indireta, livrando-se das frustrações e fracassos que marcam sua existência concreta. O líder oferece uma compensação narcísica: ele encarna aquilo que o sujeito gostaria de ser, mas não consegue.

Essa identificação explica a disposição passivo-masoquista típica do seguidor fascista. A submissão não é vivida como humilhação, mas como alívio. Quanto mais o comportamento político do seguidor entra em contradição com seus interesses reais de classe, mais intensa precisa ser essa ligação libidinal irracional. A crença fascista não se sustenta em argumentos, mas em vínculos eróticos inconscientes. Nesse sentido, a irracionalidade do seguidor é perfeitamente racional do ponto de vista do líder. O medo — social, econômico, existencial — torna o sujeito infinitamente mais manipulável. O fascismo prospera exatamente onde o indivíduo está enfraquecido, isolado e destituído de perspectivas coletivas. A regressão psicológica é condição de possibilidade da dominação fascista. Esse arcabouço teórico permite compreender por que a propaganda fascista se caracteriza pela repetição exaustiva e pela pobreza de ideias, sendo a escassez conceitual

parte essencial dessa estratégia. A repetição cria familiaridade; a familiaridade cria adesão; a adesão dispensa reflexão. O pensamento crítico é substituído pelo reflexo afetivo.

Ao recuperar Freud, Adorno nos oferece algo fundamental para o presente: o fascismo não se combate apenas no plano da opinião, nem apenas no plano institucional. Ele se combate enfrentando as condições sociais que produzem indivíduos fragilizados, desprovidos de organização coletiva e entregues à manipulação afetiva. Onde a razão crítica é corroída e a política é reduzida a espetáculo emocional, o terreno está preparado para a regressão autoritária.

Arthur Moura